

O CONFLITO GERACIONAL EM “OLHOS D’ÁGUA” E “SOLITÁRIA”: A DIMENSÃO RACIAL NA RELAÇÃO ENTRE MÃES E FILHAS

ELOISA BERNARDI ZAMBONI¹; AMANDA RAMIRES LUCCHETTA²; MARA KARAM DA CONCEIÇÃO³; MITIZI GOMES⁴

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – eloisabernardizamboni18@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – aramireslucchetta@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – marakaram@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – mitizig@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Ao examinarmos as obras literárias “Solitária”, de Eliana Alves Cruz, e “Olhos D’Água”, de Conceição Evaristo, observou-se um vínculo entre o conflito geracional e as questões raciais. O projeto de pesquisa intitulado “Ficções brasileiras emergentes do século XXI: recortes temáticos ultracontemporâneos”, do qual surgiu este trabalho, objetiva estudar as nuances e contradições presentes em obras contemporâneas brasileiras, dentro do recorte da literatura negra (SILVA, 2011). Entretanto, neste trabalho será feita a análise da relação mãe-filha nas narrativas acima citadas, em diálogo com a análise feita por Lélia Gonzalez (2019) sobre a dinâmica entre racismo e sexismo na sociedade brasileira, à luz da discussão realizada por Bhabha (2005) quanto aos mecanismos opressivos do discurso colonial. Ao se pensar a constituição da relação parental entre mulheres negras localizadas geopoliticamente no Brasil, o cenário racial do país, o qual ainda carrega o discurso colonial adjungido à novas formas de opressão étnico-racial, é fundamental para compreender de que maneira o embate usual entre pais e filhos adquire contornos diferentes a depender das identidades envolvidas.

2. METODOLOGIA

Para realizar esta pesquisa, iniciamos selecionando o *corpus* de análise: narrativas ficcionais brasileiras publicadas a partir do ano de 2011 que tratasse de questões relacionadas à negritude. Inicialmente, foram escolhidas quatro obras enquadradas nestes critérios, das quais somente duas serão abordadas no recorte aqui apresentado: o romance ‘Solitária’ (CRUZ, 2022) e o conto ‘Olhos D’Água’ (EVARISTO, 2014). Em nossa abordagem, passamos das consequências para as causas, revisitando a literatura teórica que discute identidade, negritude e interseccionalidade no Brasil. Os principais teóricos consultados foram Homi Bhabha, Stuart Hall e Lélia Gonzalez. O estudo das obras foi feito coletivamente, partindo de uma leitura individual para um discussão em grupo, em que os aspectos sociais, linguísticos e psicológicos foram debatidos. Tendo em vista as lentes utilizadas para a leitura, avaliamos o contexto político-social presente nas narrativas, buscando entender a interseccionalidade entre o literário e a realidade na construção da relação entre mães e filhas, considerando, sobretudo, a vivência racializada e economicamente situada das personagens.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As discussões têm como ponto de partida a compreensão de que as obras estudadas são definidas como literatura negra, ou seja, narrativas escritas por autoras negras que versam sobre o que significa ser negro na sociedade em que vivem, é uma literatura que surge como uma ruptura em um sistema literário que só reconhecia a voz branca (SILVA, 2011). Nas obras discutidas neste trabalho, está em evidência a vivência de mulheres negras, a qual se diferencia das experiências de homens negros, e por isso deve ser analisada dentro das especificidades existentes na relação inidissociável entre racismo e sexism (GONZALEZ, 2019). Ambas as obras têm como temática central a vivência de pessoas negras no Brasil, e cada texto conta histórias bastante distintas, com recortes de espaço e cultura diferentes. Entretanto, observou-se que a vida dessas mulheres é atravessada de maneira bastante parecida em um aspecto: o conflito geracional entre mães e filhas.

No conto ‘Olhos D’Água’ a protagonista/narradora se encontra em um conflito interno por não se lembrar da cor dos olhos de sua mãe. Ao fazer uma digressão ao passado como tentativa de recuperar a memória-origem perdida, a protagonista revela a necessidade de deixar sua casa e família em busca de uma vida melhor, não como resultado de um capricho, mas como uma condição de sobre(vivência). Tal movimento deixa em evidência a quebra que se torna fundamental à possibilidade de transformação da qualidade de vida e, por consequência, ao acesso aos bens culturais e materiais. Em ‘Solitária’ identifica-se a presença do mesmo desencaixe na configuração familiar, ainda que em um contexto diferente, pois o deslocamento da geração mais jovem para longe da anterior ocorre como uma consequência da tomada de consciência quanto à negritude e seus desdobramentos. Ao confrontar Eunice, Mabel está em pleno processo de ruptura com a estruturalidade do racismo: ao perceber a exploração a que sua mãe foi submetida pelos patrões durante toda vida e questionar a razão de seu sentimento de gratidão existir, Mabel busca estender a consciência desenvolvida por si à própria mãe.

A mudança de paradigma quanto ao lugar que aqueles corpos habitam desencadeia uma tomada de consciência da negritude, uma vez que as filhas revoltam-se perante a injustiça e a exploração sob a qual seus pais e avós viveram, essas filhas renegam, não a herança étnica e cultural da negritude, mas a ideia da subserviência disfarçada de gratidão pelo discurso carregado da herança colonial. Neste sentido, Homi Bhabha (2005) apresenta o discurso colonial como um aparato de poder apoiado no reconhecimento e repúdio das diferenças raciais/históricas/culturais, por meio do qual o colonizado é transformado no outro. Quanto à caracterização de corpos negros como o outro, Fanon (1991, p. 114, apud BHABHA, 2005, p. 121) afirma que “há uma procura pelo negro, o negro é uma demanda, não se pode passar sem ele, ele é necessário, mas só depois de tornar-se palatável de uma determinada maneira”. No caso específico da sociedade brasileira, a palatalização implica que pessoas negras estejam ocupando seus lugares “essenciais” geopoliticamente: subempregos e quartinhos dos fundos, habitando as periferias das grandes cidades, gratas aos seus patrões brancos. O corpo negro palatável é aquele inconsciente de sua condição e, portanto, inconsciente da possibilidade de mudança.

Desse modo, uma dinâmica que, ao primeiro olhar, parece somente uma parte da relação entre pais e filhos, ao ser encarada com uma leitura racial, revela a complexidade de como o acesso aos bens culturais modifica o estar no mundo e o agir no mundo - caso de Mabel, primeira pessoa de sua família a cursar

ensino superior, assim como da protagonista anônima de ‘Olhos D’Água’, que vai embora em busca de uma vida diferente, melhor. Os bens culturais em questão incluem a possibilidade de ter uma boa qualidade de vida, condição diretamente relacionada a ocupar determinados espaços sociais e econômicos que permitam adquirir experiências humanas (educação superior, altos salários, consumo de arte) antes restritas a uma camada populacional abastada. Porém, o mais importante nas narrativas estudadas é o **retorno**, pois as filhas voltam às suas mães: a tomada de consciência radicalizante não é um abandono, mas um passo à libertação coletiva.

4. CONCLUSÕES

Em suma, uma vez que dois textos são comparados, é possível situar uma nova perspectiva acerca do racismo e do sexismor enraizados na sociedade brasileira. Enquanto em “Olhos D’Água” a protagonista salienta a necessidade de seguir em frente carregando as dores de um passado marcado pelo preconceito, a sua identidade como mulher negra é construída a partir dessa busca contínua em recuperar sua ancestralidade. Da mesma forma, “Solitária” exprime uma longa jornada entre mãe e filha como mulheres negras frente a um ciclo opressor, no qual Mabel começa a questionar a realidade em que viviam. Assim, o estudo tem como principal objetivo instigar a discussão em relação ao racismo perpetuado nas vivências de mulheres negras na sociedade brasileira, e de que maneira pode-se causar uma reflexão segundo à literatura narrada a partir de vozes negras. Conforme o pensamento defendido por Stuart Hall, é preciso “desnaturalizar e historicizar o conceito de raça, entendendo-o como uma categoria produzida social e culturalmente, em momentos históricos específicos e de acordo com as lutas políticas encetadas pelos diferentes movimentos sociais” (ZUBARAN, WORTMANN, KIRCHOF, 2016).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BHABHA, Homi. **A Outra Questão: O Estereótipo, a Discriminação e o Discurso do Colonialismo.** In: BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005, p. 105 - 128.
- CRUZ, Eliana Alves. **Solitária**. São Paulo: Editora Schwarcz S.A., 2022.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos D’Água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- GONZÁLEZ, Lélia. **Racismo e sexismor na cultura brasileira**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 29 - 66.
- SILVA, M.A.M. **A Descoberta do Insólito: Literatura Negra e Literatura Periférica no Brasil (1960-2000)**. 2011. Dissertação (Doutorado em Sociologia) - Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.
- ZUBARAN, Maria Angélica; WORTMANN, Maria Lúcia; KIRCHOF, Edgar Roberto. **Stuart Hall e as questões étnico-raciais no Brasil**: cultura, representações e identidades. *Projeto História*, São Paulo, n. 56, pp. 9-38, Mai.-Ago. 2016.